

Muito além do som: a experiência do rádio na construção de imagens para pessoas cegas e com baixa visão fãs de futebol¹

Carol Fontenelle – UERJ / Centro Universitário Celso Lisboa²

Resumo

Este artigo é parte integrante da tese de doutorado: “Inclusão em campo: como tornar a transmissão de futebol acessível para pessoas cegas e com baixa visão”. Neste trabalho, é possível perceber o quanto o rádio é um veículo de comunicação importante para o entendimento de jogadas, como também para a manutenção da paixão de adeptos do futebol. Durante a realização do trabalho, foram entrevistadas, em profundidade, 10 pessoas que nasceram cegas ou perderam a visão e que afirmaram ser consumidoras assíduas de jogos de futebol. Nas suas falas, algo bem comum: o rádio é o companheiro de conquistas e derrotas dos amantes deste esporte e contribui – e muito – para o exercício da autonomia e da socialização.

Palavra-chave: futebol; rádio; cegos; baixa visão; cidadania.

Introdução

Como nossos entrevistados apresentam cegueira ou baixa visão, percebemos que o rádio é um dos veículos de comunicação no qual o universo do futebol chegou até eles e até hoje se faz presente. Podemos destacar que o veículo de comunicação já era sucesso em outros países como os Estados Unidos, antes de chegar ao Brasil. De acordo com a historiadora, e responsável pelo setor de Políticas culturais da Fundação de Casa Rui Barbosa, Lia Calabre (2002), o novo meio de comunicação revolucionou a relação cotidiana das pessoas com as notícias gerando uma nova velocidade e significação dos acontecimentos. Ainda segundo a autora, ao partilhar das mesmas fontes de notícias, os indivíduos se sentiam mais integrados e tinham um repertório de questões comuns a serem discutidas.

Em relação à inserção do esporte, em especial o futebol, na programação das rádios, Soares (1994) aponta que já em 1924 existiam irradiações de jogos, mas que a primeira irradiação completa de uma partida ocorreu somente no começo dos anos 1930, graças ao narrador Nicolau Tuma, conhecido como Speaker Metralhadora, já que tinha

¹ Trabalho apresentado no GP 05 Comunicação e Esporte, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação pela UERJ, professora da Escola de Comunicação (cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda) do Centro Universitário Celso Lisboa. Email: carolina.fontenelle@celsolisboa.edu.br

um estilo de narrar próprio, de maneira rápida, descritiva, utilizando detalhes sobre os lances. Ainda segundo Soares (1994), Tuma criou, por meio do seu estilo e sucesso, um estilo de narrar que fez escola, ou seja, outros narradores passaram a narrar a sua maneira.

Na transmissão esportiva, de acordo com Rocha Filho (1989), o locutor necessita de elementos adicionais na sua fala para descrever o mais aproximadamente possível o fato em ocorrência. Para o autor, a história do espetáculo só poderá ser transmitida de forma oral e em sincronia e é comum o uso de sons e de narrativa que se assemelhe ao que o receptor espera dele.

Aos poucos o rádio foi fazendo parte da vida do brasileiro e o futebol ganhou destaque na programação. De acordo com Soares (1994), ele foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e contribuiu para que o rádio alcançasse o status de meio de comunicação de massa.

O rádio e sua importância para os entrevistados

Importante ressaltar que, para fins acadêmicos, estamos usando pseudônimos. Dos dez entrevistados, três nasceram cegos: Leone, Miguel e Rodrigo. Como sabemos, vivemos numa cultura visiocêntrica, onde a imagem é sempre utilizada, seja em produtos midiáticos ou na própria concepção da sociedade, onde somos rotulados por meio do que as pessoas veem na gente e fazem uma interpretação. Por exemplo, uma roupa, julgada como alinhada, abre seus caminhos em ambientes sociais e o inverso também. Ou seja, a frase “Uma imagem vale mais que mil palavras”, atribuída ao pensador chinês Confúcio, que viveu cerca de 500 anos a.C, é cada vez mais atual. E como ficam Leone, Miguel e Rodrigo diante deste contexto? Como eles assistem e entendem jogos de futebol se nunca enxergaram como nós, videntes? Vale lembrar que pessoas cegas são somente cegas, ou seja, elas têm os demais sentidos.

Além disso, justamente pela nossa sociedade ser visiocêntrica que é atribuída à visão tanta importância. É o que podemos ver no relato do entrevistado Thiago que, ao conhecer um senhor de 75 anos, foi indagado de como tem noção do que está acontecendo em um campo de futebol:

Então eu expliquei a ele: “na Copa, na época do Pelé, quando ele tava começando não tinha uma televisão. Então, o sr assistia como, o futebol lá fora? Quem era o jogador? Quem tava te trazendo a informação? Era o rádio. E quem tinha uma televisão não tinha aquela televisão, com aquela alta definição. Então tava na mesma situação que nós estamos

hoje em dia, que eu estou hoje em dia, sendo uma pessoa cega. Então o rádio é muito importante nessas informações porque ele tem uma descrição um pouquinho maior e traz aquela emoção de onde o jogador está, qual é o jogador, ele só não dá as características, nunca deu, assim, as características da pessoa, que é um cara negro, isso não acontecia. Agora, as informações primordiais, aquelas básicas, vinham tranquilamente. Então, quando eu falei isso pro senhorzinho, ele ficou assustado: “É mesmo? Quando era novo só fui ter televisão quando tinha 17 anos.” “Então, olha só, e você começou a escutar com quantos anos?” Ele falou que com 8. “Então, de 8 a 17 anos, você ficou sem ver o jogador. Você não sabia como ele era, ainda mais naquela época que não tava esse negócio de ah negro, branco, era jogador, era jogador e acabou. Era Pelé, era Garrincha e acabou”. Então, eu estava na mesma situação que o senhorzinho ???, a mesma coisa ??? ele não tinha. Então, pela memória claro que eu tô muito a frente das pessoas assim que são cegas porque eu tenho característica, eu já vi a pessoa, a cor, as cores da pele, e...características como a pessoa é, digo, um pouquinho a frente (THIAGO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 20 jan. 2023).

Como podemos perceber, o fato de o senhor perceber que Thiago é uma pessoa cega já o colocou na condição de incapaz de entender uma partida de futebol. O senhor sequer levou em consideração que Thiago talvez tenha um dia enxergado (o que é o caso). Ao lembrar que, de fato, quando jovem, nunca havia visto uma partida de futebol e, mesmo assim, entendia o jogo, o senhor percebeu (talvez até sem querer), que compreender é uma condição que não depende, necessariamente, da visão. É possível entender uma partida por meio da informação sonora, oriunda do rádio. Quando pensamos na história do rádio, relatada anteriormente, nos lembramos que até as décadas de 1970/1980, o mais comum era acompanhar as partidas pelo rádio e isto não fez com que as pessoas não entendessem a dinâmica de uma partida. Obviamente, com o recurso da mídia impressa era possível que as pessoas soubessem as características físicas dos jogadores ou ainda obtivessem mais informações sobre os jogos, mas isto também não exclui as pessoas cegas, já que é comum que pessoas videntes passem as informações que têm acesso para elas.

Ainda devemos nos atentar para um ponto abordado por Thiago: ele acredita que tem alguma vantagem em relação às pessoas que não nasceram cegas, justamente por entender que tem memória visual mais apurada. Desta forma, ele assistiu várias partidas pela televisão e chegou até a frequentar estádios. Mas se engana quem acha que Leone, Miguel e Rodrigo (que nunca enxergaram) não têm memória visual. A formação da imagem para eles se deu de maneira diferente, ou seja, por meio do que ouviram seja dos familiares e amigos, seja por intermédio da mídia:

O rádio, eu sempre digo que o rádio é companheiro quase que número 1 das pessoas com deficiência visual. Importante salientar que naquela época, na década de 90, não se tinha internet, os leitores de tela vieram depois, a informática para o cego veio bem depois. Então, o rádio era o grande companheiro, você ficava ali, com o radinho no ouvido, sentava, ouvindo com alguém, então assim, essa questão do rádio pra mim, veio desde muito cedo, desde criança eu adorava. Meus presentes eram... “o que você quer ganhar de fim de ano? Eu quero ganhar um walkman, um rádio novo, pra colocar do lado da minha cama”. E assim foi crescendo essa paixão pelo futebol no rádio. Sabia todas as músicas, as vinhetas esportivas, foi uma coisa que ficou na minha cabeça (MIGUEL, entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

A companhia do rádio desde criança também foi relatada por Rodrigo, que ganhou um aparelho quando era criança de sua mãe: “Desde pequenininho que eu ouço o rádio. Minha mãe me deu um rádio pequenininho”. Para Leone, a paixão pelo rádio surgiu muito cedo, mas, apesar disso, ele acredita que a narração apresenta elementos de parcialidade muito claros:

Eu gosto muito do rádio, gosto muito. Se for pra perguntar qual que você mais gosta é o rádio, pela emoção que o rádio te dá na narração. Só que o rádio também ele é muito parcial, porque se você pegar um jogo num time do Rio e de São Paulo pra ouvir na CBN, por exemplo, depende da CBN que você vai ouvir. É a CBN de São Paulo, ele vai puxar pro Corinthians e pro São Paulo. Aquela coisa... é bem nítido isso! (LEONE, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 9 jan. 2023).

A parcialidade apresentada pelo entrevistado não foi, necessariamente, com a intenção de apontar um problema, mas sim uma característica da transmissão radiofônica já que, como foi possível perceber, é o meio de comunicação preferido por ele para acompanhar uma partida de futebol. Ferraretto (2014) aponta que a torcida encara o futebol como um momento festivo e a narrativa do evento também parte dessa ideia. Talvez esteja aí a explicação para o fato de Leone acreditar na parcialidade da narração, afinal, a transmissão local da partida está sendo narrada para a sua audiência, ou seja, os torcedores do clube em questão. Se a CBN é de São Paulo e ela está transmitindo um evento festivo, natural que a narração também seja uma ode ao time daquele estado.

Interessante apontar que a relação que os entrevistados apresentam com o rádio também veio por intermédio da família, onde ouvir rádio era um programa familiar, que contribuiu também para a socialização:

Meu pai consertava TV e rádios para os vizinhos (...) aqueles rádios que meu pai consertava na oficina me fascinavam, principalmente os rádios

de outros países, ouvir os idiomas, me estimularam a estudar e para conhecer outros lugares. E não é fácil uma pessoa com deficiência visual e estudante da década de 60 e 70 que tudo era muito mais conservador, era difícil, vindo de uma família pobre do Complexo do Alemão (JOSÉ, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 26 jan. 2023).

Apesar da experiência de José e Miguel com o rádio ser separada por décadas, podemos perceber que se deu de maneira bem parecida, o que nos justifica a importância deste veículo de comunicação no passar dos anos. Miguel nos conta que com cinco anos já acompanhava as transmissões com seu pai:

Então, na década de 90, quando eu me vejo ali com 5, 6 anos, eu acompanhava muito as transmissões da Rádio Globo de São Paulo, a extinta Rádio Globo de São Paulo, aquela equipe que tinha Oscar Ulisses, Osmar Santos, Luís Roberto, Paulo Soares (o amigo da galera), Wanderley Ribeiro, enfim, todo aquele timaço da Rádio Globo daquela época, e aí eu passei a ouvir futebol. Eu torço pro Santos, sou santista, então eu acompanhava as transmissões junto com o meu pai, ligava nos programas, eu era “rato de rádio”, falava: “vou liberar o telefone”, eu já estava lá com o dedo, pra tentar falar no ar. Tinha uma época que teve uma promoção. BOLÃO GLOBO. Você ligava, lembro até o telefone. Você tinha que acertar quem ia fazer o primeiro gol pelo menos, ou o placar do jogo, pra tentar concorrer a uma bola da Topper. Eu me lembro como se fosse hoje. E aí, eu sempre ligava, pra tentar falar no ar, ou ganhar um prêmio. Até que um dia eu consegui. Eu tinha os meus 7 anos, foi a glória, você ver falar seu nome no ar e conquistar um prêmio, foi o máximo! (MIGUEL, entrevista à Carol Fontenelle, online, 30 dez. 2022).

A iniciativa, realizada pela rádio Globo, faz parte, obviamente, de uma estratégia para conquistar audiência, mas, segundo explica Soares (1999), este tipo de publicidade contribui para a formação de público consumidor futuro:

(...) As emissoras fazem suas promoções para atrair o público esportivo. Um exemplo é a Copa Dan 'up, um campeonato de natação infantil, organizado pela Jovem Pan. Nesse caso, o fabricante do produto entra com o dinheiro e o Departamento de Relações Públicas da Pan organiza todo o evento. O objetivo da promoção, conforme o diretor comercial da emissora, é cativar desde já o público infantil para que no futuro eles continuem sintonizados na Pan (SOARES, 1999, p.96).

A relação criada com a empresa de rádio vai assim, se formando desde cedo. No caso de José, se transformou em uma paixão que fez, ele mesmo, criar um desafio, como uma espécie de brincadeira:

E nós que somos deficientes visuais, e eu tenho 10% de visão no olho esquerdo e não tenho o globo ocular direito desde os 7 anos é prótese estética. Hoje com 61 anos tenho praticamente a mesma visão. Era algo

tão forte na minha vida Carol, um dos meus hobbies na faixa de 12 a 19 anos de idade e que uma das minhas brincadeiras de adolescentes era anotar no caderno escolar as frequências das rádios, dos narradores do Brasil inteiro, principalmente de São Paulo, de Minas, Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro. Eu era um caso muito raro, um garoto do Complexo do Alemão, da Comunidade da Fazendinha, que sabia o nome da equipe inteira da Rádio Bandeirante de São Paulo, ou da rádio Guaíba ou da Rádio Gaúcha de Porto Alegre ou da Rádio Itatiaia de Belo Horizonte ou da Rádio Nacional Globo – Globo Nacional de São Paulo e das Rádio do Rio. Então eu passei a ser um apaixonado por rádio esportivo eu ouvia outras coisas também, programas de variedades, mas rádio esportivo, especialmente, eu anotava o nome de todo mundo (JOSÉ, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 26 jan. 2023).

Percebemos que a relação com a equipe de transmissão de rádio parece ser íntima, é como se fossem pessoas conhecidas pelos ouvintes, corroborando para aquela velha máxima de que o rádio é o companheiro das pessoas. Rodrigo relatou os narradores que prefere, bem como momentos marcantes da Copa do Mundo masculina de 2022, vivenciados pela Rádio Jornal, subsidiada em Pernambuco:

Quando o Richarlison fez aquele gol, que golaço, aquele pombo, aquela bicicleta, eu não aguentei não. O Aroldo Costa é um narrador muito gigante, o cara tira a emoção de onde não tem. Eu procurei palavras pra descrever a narração do cara e não consegui. Foi uma narração pura, uma narração sem aquele negócio falso, sabe, aquela narração que puxa de você uma emoção que não dá pra você explicar. Foi uma narração belíssima, foi uma narração que... digno de um pombo mesmo. E na CBN tem o Mauro Max, Romualdo Marques, tem o Carlos Miguel que também tá narrando agora e tem o Eri Santos, que também narra bastante. Mas, assim, que eu diga, caraca esse narrador aqui é F. Eu destaco dois. O Romualdo e o Aroldo (RODRIGO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 5 jan. 2023).

A relação com o locutor de rádio também foi apontada como algo que precisa de confiança, como aponta Fábio, que começou a perder a visão aos cinco anos de idade, após contrair sarampo, ainda na Angola, sua terra Natal:

Eu sempre falo, acho que o narrador de rádio é a nossa visão em campo. Então, tudo que o narrador falar, eu acredito. E numa rodinha de conversa de amigos eu vou falar: “o meu ponto de vista desse lance é assim, assado, né?” Da maneira que eu ouvi do narrador, né? Ele fez um gol, estava na dúvida, foi impedido ou não foi? Eu espero a conclusão do narrador, do comentarista, para eu poder concluir também. Se dois, três falaram que não estava impedido. Então, num debate com os amigos, eu vou falar não. Eu acho que não estava impedido, porque na rádio que eu estava ouvindo, dois ou três falaram que não estava impedido. Então eles realmente se tornam nossa, nossa visão dentro de campo, né? Por isso que tem alguns narradores que às

vezes acabam trocando os nomes de quem fez gol, de quem está com a bola e isso pra nós nos complica bastante. Porque, como eu falei numa conversa, nem sempre quem levou amarelo foi o fulano. Eu, como a gente conversa com pessoas que enxergam e com cegos também. Aí chega falando: “não foi. Foi o fulano que levou amarelo”. Mas tem muito isso. São poucos narradores que trocam os nomes e não se corrigem. Mas alguns aí trocam o nome. Como a gente sabe que é rápido nos lances, mas muitos acabam corrigindo depois, assim fica tudo certo (FÁBIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 29 dez. 2022).

Além da confiança apontada pelo entrevistado, devemos perceber a confusão que um erro pode causar em uma pessoa cega – algo que talvez passe até despercebido para um vidente, já que este, muitas vezes, ouve o rádio e assiste a televisão. A importância da narração no rádio foi apontada também por José, que citou Waldir Amaral, famoso locutor das décadas de 60, 70 e 80, criador do apelido “Galinho de Quintino” e responsável por modernizar as linguagens das transmissões esportivas com vinhetas cantadas e efeitos sonoros³:

Waldir Amaral dizia assim: imagine aí no seu rádio que o Fluminense está localizado no gol no lado direito das cabines de rádio. O lado do estádio do Maracanãzinho, do Parque Júlio Delamare. Já o Flamengo está no lado esquerdo. O lado da estação da estrada de ferro Central do Brasil. Né? Ele ia, antes da bola rolar, ele ia desenhando como é que está. Fluminense está com a tradicional camisa tricolor e calções brancos, o Flamengo, com a tradicional camisa... ele ia descrevendo as coisas. O nosso papel numa transmissão de futebol, nosso que eu digo, eu não sou audiodescritor, mas eu estou participando de um projeto disso, de audiodescrição, colocar a pessoa certa, como Waldir Amaral, não por acaso o Waldir Amaral tinha um slogan na Rádio Globo que diz assim: Rádio Globo é como se você estivesse à beira do gramado. Com certeza o Helal vai lembrar disso, seu professor. O Waldir usava muito essa coisa, que é colocar alguém à beira do gramado. É fazer com que alguém que está ouvindo e que, portanto, está recebendo linguagem sonora. (...) Então o Waldir Amaral dizia, você se sente à beira do gramado, por isso. Ele queria dar a imagem pra quem não estava vendo pela televisão a imagem do jogo (JOSE, em entrevista à Carol Fontenelle, online, 26 jan. 2023).

Com o relato de José, podemos perceber que o locutor Waldir Amaral descrevia o cenário da partida, localizando imageticamente o ouvinte, seja nas características de posicionamento dos times, seja no uniforme dos jogadores. A ideia é que o ouvinte

³ A revolução que Waldir Amaral proporcionou ao radiojornalismo esportivo pode ser ouvida no programa Futebol à Manivela, da Rádio Globo. Disponível em <https://radioglobo.globo.com/media/audio/218253/waldir-amaral-bordoes-e-linguagem-mais-proxima-do-.htm>. Acesso em 22 jun. 2025.

poderia se sentir à beira do gramado, assistindo ao jogo. José também aborda o quanto é importante que o audiodescritor também seja a pessoa certa, ou seja, podemos inferir que deva ser uma pessoa que entenda as nuances de um jogo de futebol e, mais do que isso, tenha tido contato com pessoas com deficiência visual e tenha entendido o que é importante ser relatado, para que a linguagem sonora se transforme em imagem.

Dessa forma, ver é muito além do que para nós, videntes, parece ser. Mesmo uma pessoa que nunca tenha enxergado (tradicionalmente falando), é possível visualizar a partida por meio do que está sendo informado. No caso do que foi relatado por José, você, por exemplo, sendo vidente ou não, precisa ter noção de onde fica o parque Júlio Delamare para se localizar espacialmente e isto independe de enxergar, pois o que importa, neste contexto, são as informações que você tem acerca do complexo esportivo do Maracanã. Ou seja, ver é muito além da luz que atravessa a córnea, a pupila e o cristalino até chegar na retina, onde acontece a decodificação que faz com que o nervo ótico e o cérebro façam o trabalho de “gerar” imagens. Depende também das informações que recebemos ao longo da vida, porque até o nosso “olhar” é direcionado e repleto de interpretações individuais, como já abordamos aqui. Se você não sabe onde fica o Parque, vai gerar uma imagem e, quem sabe, pode gerar outra e assim por diante. As imagens vão surgindo para gente por meio do que já “vimos” e do que “entendemos que vimos” e, no caso do futebol, o rádio foi fundamental no processo de entendimento.

Também obtivemos, por meio da entrevista, a importância do rádio no processo de adaptação de acompanhar jogos de futebol após a perda da visão. Otávio, que tem um pouco mais de 40 anos, relata que sempre ouviu rádio, mesmo assistindo televisão:

Eu sempre fui um cara que, mesmo quando enxergava, sempre fui um apaixonado pelo rádio. Eu assistia os jogos pela televisão, mas com radinho na orelha. Sempre foi assim, mesmo quando enxergava (...) Hoje passa-se muito mais jogos pela TV. Você tem muito mais possibilidades com o streaming, com canais fechados, mas antigamente era um jogo por semana na TV aberta. E os clássicos mesmo que a gente gostava de acompanhar, dificilmente passava. Então, eu sempre fui muito pelo rádio, então acredito que quando eu perdi a visão, já por essa paixão de sempre estar acompanhando pelo rádio, facilitou um pouco, porque eu sempre fui de prestar muita atenção no narrador, no comentarista, sempre acompanhar os programas esportivos para saber como a equipe ia jogar. Então acho que o fato de ter sempre essa paixão pelo rádio me ajudou muito e não criou muitos empecilhos e muitas dificuldades, não, com essa transição (OTÁVIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 14 fev. 2023).

O mesmo não aconteceu com Elias, que preferia assistir televisão, antes de perder a visão: “Claro, que eu tive uma fase de garoto pequeno que não tinham tantos jogos na TV. (...) mas aí a gente começou a ver pela televisão e tal, e o rádio esteve sempre próximo. Mas hoje em dia, o meu grande companheiro é o rádio” (ELIAS, entrevista à Carol Fontenelle, online, 8 fev. 2023).

Já para Fábio, a sua relação com o rádio surgiu somente no momento no qual ele chegou ao Rio de Janeiro e foi morar em Juiz de Fora. Em sua terra Natal, ele não tinha televisão em casa e nem rádio. O que sabia de futebol eram os comentários de outras pessoas.

Eu comecei a assistir (jogos) em 2002, quando a gente veio pra cá, já tinha um angolano que veio em 2000. Então ele morava em Juiz de Fora. Ele era vascaíno. Então, o intuito dele era que todo mundo virasse vascaíno. A gente que estava chegando recentemente. Então ele nos falava de Vasco, Vasco pra lá, Vasco pra cá. Só que chegou um certo momento que ele estava ficando chato, falava demais. Aí eu pensei: vou contrariar esse cara. Comecei a acompanhar o jogo do Flamengo na rádio. Eu tinha uma rádio de lá. Agora eu acho que não lembro o nome, mas a gente acompanhava lá em Juiz de Fora. Passa muito jogo do Rio. Então, aí teve em 2001 a final entre Flamengo e Vasco, que o Pet fez aquele golaço de falta. Aí a partir dali, eu já não larguei mais de acompanhar o futebol (FÁBIO, entrevista à Carol Fontenelle, online, 29 dez. 2022).

Como podemos perceber, a paixão pelo futebol surgiu por meio do rádio. Comentar sobre a final do Campeonato Carioca de 2001, entre Flamengo e Vasco, quando Petkovic fez o gol, aos 43 minutos, que garantiu o tricampeonato ao time rubro-negro, mostra o quanto um feito heroico pode trazer novos torcedores. Além disso, devemos destacar que o feito foi “prato cheio” para os narradores darem muitos adjetivos ao gol de falta e ainda impulsionar mais ainda a paixão do torcedor e por que não dizer, contribuir para formação de novos torcedores?

Conclusão

A análise das entrevistas realizadas evidencia de forma marcante o papel essencial do rádio como meio de comunicação acessível, emocional e afetivo para pessoas cegas ou com baixa visão. Mais do que um veículo de informação, o rádio se consolidou como um elo fundamental entre esses indivíduos e o universo do futebol, promovendo pertencimento, compreensão e emoção. O envolvimento narrativo proporcionado pelas transmissões esportivas cria um ambiente onde a deficiência visual não é barreira, mas

sim um estímulo para outros sentidos, sobretudo a escuta ativa e atenta, que permite a construção de imagens mentais detalhadas dos acontecimentos esportivos.

O rádio, conforme foi destacado ao longo das entrevistas, acompanha seus ouvintes desde a infância, estando presente em momentos familiares e de formação cultural. Os relatos demonstram como o hábito de ouvir partidas de futebol com familiares, principalmente pais, além de criar laços afetivos, contribuiu para a construção de memórias duradouras e para o fortalecimento de uma identidade esportiva e cultural. A partir do rádio, os entrevistados não apenas se informaram sobre o futebol, mas também desenvolveram senso crítico, capacidade de interpretação e, principalmente, autonomia.

Também se revelou relevante o papel do locutor como "os olhos no campo" para o ouvinte com deficiência visual. A confiança depositada no narrador, o estilo de narração e a credibilidade de quem transmite a informação demonstram a responsabilidade que esse profissional carrega. O rádio não apenas informa, mas constrói significados e molda percepções, sendo capaz de criar imagens mentais a partir de descrições orais bem elaboradas. Essa relação entre narrador e ouvinte é de cumplicidade, de confiança e, em muitos casos, de admiração.

Portanto, o rádio, apesar de ser um meio tradicional, continua sendo contemporâneo e relevante. Ele segue sendo ponte entre o indivíduo e o mundo, entre o torcedor e o espetáculo, e entre a deficiência e a cidadania. No universo do futebol, onde a emoção é elemento essencial, o rádio não apenas transmite o jogo: ele traduz sensações, cria imagens e, acima de tudo, contribui para a garantia do direito de participação e de pertencimento a todos os apaixonados por esse esporte, independentemente de sua condição visual.

Referências

CALABRE, L. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

RÁDIO GLOBO. **Waldir Amaral: bordões e linguagem mais próxima do ouvinte**. Disponível em: <https://radioglobo.globo.com/media/audio/218253/waldir-amaral-bordoes-e-linguagem-mais-proxima-do-.htm>. Acesso em 22 jun. 20245.

ROCHA FILHO, Z. A. B. **A Narração de Futebol no Brasil: Um estudo fonoestilístico**. 1989. Tese de Doutorado.

SOARES, E. **A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo**. Summus Editorial, 1994.